

## O Que é um Gênero Para A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo O Futuro?<sup>1</sup>

What is a genre according to the portuguese language olympiad  
*writing the future?*

Tatiana Simões e Luna\*

\* Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, Recife – PE, 50740-410,  
 e-mail: simoes.luna@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar a noção de gêneros construída pela Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLPEF), observando como se dá o processo de apropriação e de reelaboração dos pressupostos bakhtinianos acerca dos gêneros do discurso, tidos como uma das principais balizas teóricas desse Programa. A análise é centrada nos documentos dedicados ao gênero crônica, por nós escolhido, dentre os outros explorados pela OLPEF, devido à sua constituição discursiva ambivalente, jornalística e literária. Para tanto, são considerados documentos relativos à 5ª edição da OLPEF, realizada em 2016: textos publicitários, Caderno do Professor e outros textos de cunho pedagógico na medida em que tratam dos objetos de nossa pesquisa, os gêneros e a crônica. Esse estudo está alicerçado nos escritos de Bakhtin e de estudiosos contemporâneos de suas obras, bem como incursiona na proposta teórico-metodológica da Escola de Genebra, por também ser referendada pela OLPEF como um de seus pilares. Os resultados apontam para uma oscilação teórica nas concepções apresentadas sobre gênero e para uma sobreposição da perspectiva genebrina frente aos preceitos bakhtinianos no tratamento dado à crônica.

**Palavras-chave:** Gêneros do discurso. Crônica. Bakhtin. Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

**Abstract:** The aim of this paper is to investigate the notion of genres constructed by the Olimpíada da Língua Portuguesa [TN: Portuguese Language Olympiad Writing the Future] (OLPEF), by observing how the process of appropriation and reelaboration of Bakhtinian assumptions about the speech genres takes place, considered as one of the main theoretical milestones of this program. The analysis is centered on the documents dedicated to the genre of chronicle, chosen by us among the others explored by the OLPEF due to its ambivalent, journalistic and literary discursive constitution. For this, we considered the documents related to the 5th edition of the OLPEF, held in 2016: advertising texts, Teacher's Book and other texts with a pedagogical nature, to the extent that they deal with the objects of our research: the genres and the chronicle. This study is based on the writings of Bakhtin and contemporary scholars of his works, as well as it explores the theoretical and methodological proposal of the Geneva School, as it is also endorsed by the OLPEF as one of its pillars. The results point to a theoretical oscillation in the conceptions presented about genre and to an overlap of the Genebrian perspective in relation to Bakhtinian precepts in the treatment given to the chronicle.

<sup>1</sup> Este trabalho é uma versão adaptada da seção de um capítulo da minha tese de doutoramento.

**Keywords:** Speech genres. Chronicle. Bakhtin. Portuguese Language Olympiad |  
*Writing the Future.*

## INTRODUÇÃO

O estudo dos gêneros do discurso, no Brasil, desde meados da década de noventa e, principalmente, a partir dos anos 2000, vem se constituindo em um “modismo”, seja nas escolas, seja nas universidades, seja nos cursos de formação continuada. Bakhtin ([1952-1953]2016a) foi um dos primeiros a elaborar uma noção de gêneros que, ancorada em critérios discursivos, reconhece sua natureza dialógica e sócio-histórica, vinculando-os ao seu contexto de produção e recepção e ao seu funcionamento no fluxo discursivo mais amplo e nas interações sociais situadas. Por isso, tornou-se a principal referência no cenário nacional quando se trata de gêneros (BEZERRA, 2016).

Diante disso, uma discussão pertinente para a área de Linguística Aplicada gira em torno da apropriação da noção bakhtiniana de gêneros do discurso no espaço didático, que aqui restringimos ao âmbito da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (doravante, OLPEF). Dado o escopo desse debate, faz-se necessário observar que os pressupostos bakhtinianos não chegam às escolas *in natura*, assim como não chega, ao espaço escolar, nenhuma teoria linguística em sua integridade. Há no caminho, entre o fazer teórico-filosófico da linguística e sua didatização, interpretações, filtros, elaborações e diversas instâncias enunciativas.

Como exemplo de tais instâncias, podemos observar dois movimentos: de um lado, pelas correntes de estudo dos gêneros que se ocupam da sua transposição para a sala de aula (em particular, a Escola de Genebra, que constitui um dos principais alicerces das propostas curriculares nacionais, dos livros didáticos e do programa aqui em estudo, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*) e pelas obras de divulgação científica produzidas no âmbito dessas teorias e voltadas para docentes; de outro lado, pelos documentos oficiais, pelos cursos de formação inicial e continuada, pelos materiais didáticos e pelos próprios docentes.

É fato que, salvo o ensaio de Bakhtin citado acima, as demais instâncias são afetadas pelas diversas recepções de seus escritos, tendo em vista que seus autores estão em contato direto ou indireto com professores de língua em eventos acadêmicos e em cursos de formação inicial e continuada. Podemos dizer, com base em Rojo (2008), que

as obras didáticas e de difusão científica, no processo de didatização da noção apresentada por Bakhtin ([1952-1953] 2016a), fazem “tanto uma operação de **desarticulação** do conceito de seu espaço de sentido original, como uma **rearticulação** do conceito com outros já presentes nesta esfera de comunicação escolar (...), que dão gênese a um *novo conceito*, e não somente a um *novo uso do conceito*.” (ROJO, 2008, p.95, grifos da autora).

A noção de gêneros, portanto, é fruto de sucessivas reformulações e reacentuações. É no bojo dessas discussões que surge o nosso interesse em estudar a OLPEF. Trata-se, conjuntamente, de um programa de formação docente e de um concurso bienal de produção de textos sobre o tema “O lugar onde vivo”, direcionado a escolas públicas brasileiras. A OLPEF, de acordo com Rangel e Garcia (2012), visa a fornecer um referencial teórico-metodológico acerca da produção escrita, ancorando-se em três eixos centrais: a abordagem discursiva dos gêneros de Bakhtin, as sequências didáticas propostas pela Escola de Genebra e a psicologia da aprendizagem de Vygotsky.

O principal material didático do Programa, o Caderno do Professor *A ocasião faz o escritor*<sup>2</sup> (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016), prefaciado por Joaquim Dolz, confirma o aporte teórico nas concepções e organizações didáticas defendidas pela Escola de Genebra, e, indiretamente, em Bakhtin, pois essa Escola, vinculada ao Interacionismo SocioDiscursivo (ISD), parte das reflexões bakhtinianas sobre os gêneros do discurso.

Dentre os gêneros explorados pela OLPEF – poemas, memórias literárias, crônicas, documentário e artigo de opinião –, delimitamos nosso estudo no material didático dedicado à crônica, por seu teor ambivalente e heterogêneo, mescla de jornalismo e literatura. Constituída na interface entre essas duas esferas, a natureza dialógica da crônica torna-se mais evidente que a dos demais gêneros, sendo, assim, um caminho favorável para se observar o processo de apropriação e reelaboração do aporte bakhtiniano sobre os gêneros do discurso.

Considerando os dados acima acerca das filiações teóricas do Programa, as perguntas-chaves de nosso trabalho são: Que noção de gênero e de crônica é apresentada pela OLPEF? Que aspectos do gênero crônica são evidenciados? Que relações dialógicas são estabelecidas entre a proposta pedagógica do Programa e duas de suas teorias de base, a bakhtiniana e a genebrina, explicitamente por ele referenciadas?

---

<sup>2</sup> Material que guia a realização da sequência didática olímpica, com uma série de orientações para o docente.

Para responder a tais questões, vamos observar o discurso materializado nos documentos relativos à 5ª edição da OLPEF, realizada em 2016, a saber: a) os informes e os textos publicitários relacionados a essa edição da OLPEF, com destaque para o fôlder “Quatro gêneros em cartaz” e para o regulamento (OLIMPÍADA, 2016); b) o material de orientação didática para o docente, especialmente o capítulo “Introdução” do Caderno do Professor *A ocasião faz o escritor*<sup>3</sup> (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016) e a seção “Especiais por gênero”<sup>4</sup> do Portal da Comunidade Escrevendo o Futuro (PORTAL, 2018); c) os textos de difusão científica acerca dos temas comuns a essa pesquisa (o trabalho com os gêneros e o ensino-aprendizagem da crônica) veiculados no Portal (PORTAL, 2018).

Nosso trabalho está estruturado em quatro partes: 1) sucinta apresentação do tema, da problemáticas e dos objetivos de nosso trabalho; 2) breve exposição acerca da noção de gêneros do discurso na perspectiva dialógica bakhtiniana; 3) análise dos dados encontrados no *corpus* indicado, observando as (in)congruências entre a noção de gênero e a caracterização da crônica encontradas no discurso da OLPEF e a abordagem bakhtiniana; 4) considerações finais em que se evidencia a filiação preponderante da OLPEF à perspectiva genebrina.

## 1. GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

As pessoas aprendem a falar sua língua a partir dos enunciados concretos e dos gêneros. Para Bakhtin ([1952-1953] 2016a), se os gêneros fossem criados ou escolhidos pelo indivíduo a cada ato de fala, o fluxo verbal ficaria inviável. Os sujeitos os utilizam e os reconhecem em diferentes situações sociais, mesmo desconhecendo sua natureza teórica, pois eles são uma forma padrão e relativamente estável de estruturação do todo discursivo. Ou seja, os gêneros são apropriados pelo sujeito no processo de socialização. Quanto mais amplo o espectro de esferas sociais de que o sujeito participa, provavelmente, maior será seu repertório de formas genéricas e sua capacidade de atuar discursivamente.

---

<sup>3</sup> Além do texto de abertura, assinado por Dolz, e do capítulo introdutório acerca da história e características do gênero, o Caderno do Professor apresenta onze capítulos ou oficinas propriamente ditas com orientações para leitura, análise e produção textual escrita. Ao final, constam os Critérios de avaliação para o Gênero Crônica e as Referências.

<sup>4</sup> A seção “Especiais por Gênero” (PORTAL, 2018) traz uma seleção de recursos e materiais didáticos complementares ao trabalho proposto no Caderno do Professor, com textos, áudios, vídeos, videoaulas, bate-papos e espaço para comentários.

A concepção de esfera ou campo não é claramente definida nos escritos do autor. Podemos inferir, a partir dos exemplos que ele menciona (artístico, filosófico, científico, religioso), que são espaços de produção humana (inclusive textual-discursiva) delimitados no universo sócio-histórico mais amplo. Cada esfera com sua função sócio-ideológica e condições concretas específicas produz gêneros discursivos relativamente estáveis que lhes são próprios e que as refletem em seu conteúdo temático, em seu estilo de linguagem e construção composicional. Grillo (2012) acrescenta que as esferas compreendem certo nível de coerções sobre os enunciados e seus tipos estáveis, os gêneros, também no que diz respeito às suas relações com os enunciados anteriores e com os coenunciadores.

Os temas são os conteúdos propriamente ditos que caracterizam um gênero ou as possíveis temáticas que ele pode abordar, de acordo com sua finalidade sócio-discursiva e a esfera em que se insere. Temas não se confundem com os assuntos tratados em um exemplar particular de um gênero. Uma palestra acadêmica pode ser do campo das artes, das engenharias ou da saúde. São vários os conteúdos temáticos passíveis de abordagem em determinada área, como estudos culturais, narratologia e tradições líricas em literatura. O que define o tema da palestra é a exposição sobre algum tópico considerado relevante para a comunidade acadêmica em questão.

Para Grillo (2012, p.147), “a elaboração do tema é motivada pela reação a enunciados precedentes sobre o mesmo tema e pela antecipação da posição responsiva do destinatário”. O esgotamento do objeto temático é um dos fatores que definem a conclusibilidade do enunciado. Cada esfera e cada gênero tem seu modo de exaurir um tema: a abordagem da infração às leis de trânsito será, provavelmente, mais exaustiva na palestra de um jurista, em ambiente acadêmico, do que na aplicação da multa em uma *blitz* na rua. Outro elemento tem papel determinante na exauribilidade do tema: o projeto discursivo do sujeito autor, pois é ele que define o próprio gênero e, por conseguinte, seu conteúdo semântico quanto aos limites e esgotamento, vinculando-o a uma situação concreta de comunicação discursiva e à cadeia de enunciados.

A forma composicional organiza e distribui o conteúdo temático por meio de certos tipos de construção e de acabamento do enunciado e de unidades linguístico-estilísticas selecionadas. Ela colabora com a materialização da forma arquitetônica do gênero de acordo com o projeto enunciativo do sujeito autor e das coerções da esfera discursiva. Tal qual Vianna (2014), acreditamos que este é o aspecto mais “visível”, é o que primeiro nos permite reconhecer um enunciado concreto como pertencente a um gênero, especialmente se ele recorre a estruturas textuais que lhes são típicas.

Há formas textuais que são prototípicas de um ou mais gêneros, caso da estrutura expositivo-argumentativa – contextualização, tese, (contra)argumentos, síntese final – frequente em editoriais e artigos assinados. Porém, tais gêneros podem ser construídos a partir de outros textos, quando aparecem em forma de poema, de carta, de crônica etc. E, ainda que sejam reconhecidos em sua forma mais estável, podem suprimir alguns dos movimentos discursivos elencados acima ou alterar sua ordem.

Já a forma arquitetônica de certos gêneros se apoia em diferentes formas composicionais sem alterar sua natureza genérica. Assim é que a aula pode ser configurada a partir de explanação oral, de apresentação intercalada por textos escritos, por vídeos, por áudios ou por *slides*, de atividades realizadas individualmente, em duplas, em pequenos grupos ou no grande grupo, de exibição de textos audiovisuais, de explanação associada a atividades, entre outras possibilidades.

Portanto, é preciso distinguir o gênero das formas textuais às quais ele é associado pelo uso frequente. Os gêneros podem mobilizar variadas modalidades textuais, de acordo com o contexto de produção e de circulação em que se encontram, para realizar o projeto discursivo do sujeito. Na perspectiva bakhtiniana, esse sujeito não é livre, nem intencional, mas vinculado a uma coletividade. Por conseguinte, os gêneros atendem às demandas de um corpo social, e, por isso, são dialógicos e pautados na interação.

Vale salientar que nem todos os temas, composições e estilos são aceitos por determinados gêneros e esferas discursivas, visto que eles são ancorados numa valoração ideológica, histórica e social. Um editorial jornalístico, por exemplo, dificilmente tomará como principal matéria do dia as fofocas da coluna social. Desobedecer às convenções discursivas de quaisquer gêneros pode ter diferentes implicações, a depender da autoridade do sujeito produtor, do auditório e da situação comunicativa.

Esse princípio, porém, não nega a atuação criativa do sujeito no interior dessas esferas. O sujeito, a partir de sua posição axiológica, realiza a forma arquitetônica: formula um projeto discursivo que refrata as determinações das esferas sócio-ideológicas na construção de uma forma particular do “enunciado padrão”, de modo que cada realização do gênero não se confunde com as demais materializações dessa mesma forma genérica. O modo como o sujeito se apropria das diversas vozes, organiza-as e demarca sua posição valorativa perante elas constitui o estilo.

Contra os fundamentos da estilística tradicional que estudaram o estilo como a manifestação da individualidade do locutor ou como desvio da norma e realização individual do sistema da língua, Bakhtin concebe que o estilo é determinado pelas relações



entre os interlocutores e suas posições hierárquicas dos interlocutores, assim como pelo campo aperceptivo do destinatário, isto é, pela presunção de seu conhecimento, valores e posições (GRILLO, 2007). Sendo determinado pelas relações dialógicas, o estilo é uma unidade do gênero.

A entonação expressiva, manifestação mais superficial e palpável do horizonte axiológico, o tom emotivo-volitivo que o sujeito imprime no enunciado depende das relações estabelecidas no fluxo discursivo, da avaliação e das respostas presumidas do outro. Nessa perspectiva, autor e destinatário não são sujeitos empíricos, mas instâncias enunciativas de produção e recepção ativa dos discursos. Acessamos tão somente as concepções dessas categorias, o simulacro materializado no próprio discurso, em conformidade com seu contexto de produção.

Frisamos ainda que os sujeitos são não coincidentes. Não só a concepção do destinatário presumido pode divergir do destinatário real, como o sujeito autor e o sujeito destinatário podem se situar em lugares e momentos distintos e possuir concepções e posições dissonantes acerca do objeto temático. Para Bakhtin, cada gênero possui formas e concepções padrão de destinatário (BAKHTIN, [1952-1953] 2016a, p.62-63): um interlocutor imediato, um amigo íntimo, um conhecido, um estranho, um inimigo e adversário, um povo, os contemporâneos, os correligionários, um chefe, um subalterno ou superior, uma plateia especialista em algum conteúdo específico da comunicação cultural, o público em geral ou o outro indefinido, não concretizado etc.

Além da natureza do auditório, o sujeito leva em conta a presença física (real ou virtual), o grau de proximidade ou distanciamento, a posição hierárquica (classe social, profissão, situação financeira etc.) e o campo aperceptivo que condiciona a compreensão responsiva (conhecimentos prévios e especializados sobre o tema, pontos de vista, visões de mundo etc.) desse outro, construindo um enunciado prenhe de respostas, que antecipa a compreensão responsiva.

O direcionamento do gênero para o destinatário pode ser, portanto, múltipla ou duplamente orientado. Quanto mais sujeitos envolvidos, oriundos de distintos lugares sociais e assumindo variadas posições discursivas, mais dialogizado se torna o gênero e mais árdua se torna a tarefa de escolher o gênero, os procedimentos composicionais e estilísticos do enunciado, quando tais elementos não são socialmente impostos, mas deixados a cargo do sujeito falante.

Indo mais além, o autor fala no arquidestinatário ou superdestinatário, uma espécie de fiador da comunicação discursiva, manifestado em instâncias ideológicas concretas –

Deus, a nação, a universidade, a moral, a ciência, a religião, o povo etc. —, a quem o enunciador se dirige indiretamente quando se orienta para seu auditório. Todo enunciado abre caminho para uma cadeia discursiva mais ampla, espacial e temporalmente, que é instaurada pelo destinatário presente ou próximo, que pode se equivocar ou mesmo se tornar irresponsável (BAKHTIN, [1959-1961] 2016b). O superdestinatário assegura a permanência do gênero por meio do diálogo com o fluxo discursivo do “grande tempo”. (BAKHTIN, op.cit; BAKHTIN, [1970] 2017, p.16).

Com efeito, cada realização do gênero possui essa dupla faceta estilística: refrata as intenções e valorações do sujeito autor frente ao heterodiscurso e reflete as condições de comunicação específicas da esfera a que pertence o gênero, vinculando-se às suas unidades temáticas e composicionais (estruturação e conclusão do todo). A primeira faceta aponta para o movimento do sujeito autor que materializa os ecos da “palavra alheia”, assimilando e reacentuando seu tom emotivo-volitivo e transformando-a em “palavra minha”, por meio da seleção dos itens lexicais, das construções fraseológicas e das unidades composicionais (BAKHTIN ([1952-1953] 2016a, p.53).

Os elementos léxico-gramaticais do enunciado não são frutos do pensamento criativo do locutor, nem retirados das páginas neutras dos dicionários; originam-se dos discursos de outrem dos quais guardam ressonâncias dialógicas. De acordo com Bakhtin ([1952-1953] 2016a, p.52), apreendemo-las “antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero”. Enquanto modelos tipológicos de construção da totalidade de construção discursiva, os gêneros possuem uma expressividade típica que se reflete na presença de formas léxico-gramaticais típicas.

Quando selecionamos determinadas palavras ou tipos de oração não é pelo significado que elas emanam ou pelo que intentamos expressar com essas unidades da língua, mas sim pelo todo do enunciado que projetamos mentalmente. O sentido do enunciado, por sua vez, enquanto unidade da comunicação discursiva, depende do autor, do destinatário, do lugar e do momento da interação, do gênero, da esfera e do contexto sócio-histórico.

Os gêneros precisam ser compreendidos a partir de seu vínculo com as suas coordenadas espaciais e temporais, ou seja, com o cronotopo. Não obstante a noção de cronotopo tenha surgido para explicar as conexões entre espaço e tempo representadas e assimiladas esteticamente na arte verbal, como explica Machado (2005), hoje ela recobre todos os gêneros do discurso, que se constituem a partir de situações cronotópicas



particulares e recorrentes.

O cronotopo é uma matriz espaço-temporal produzida historicamente, um lugar coletivo, ligado aos gêneros e às atividades humanas, que encerra temporalidades típicas e, por conseguinte, visões típicas do ser e do mundo (AMORIM, 2006). Os gêneros são duplamente orientados, conforme seu contexto de produção, de realização e de percepção.

De um lado, orientado pela conjuntura histórica, pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica, reflete e refrata as ações e mudanças sociais em curso naquele universo. De outro, orientado para a situação social de interação e para o destinatário, dialoga com a pluralidade temporal e cultural de seus destinatários e refrata o horizonte apreciativo do outro.

A partir dessas reflexões sobre a obra bakhtiniana, podemos conceber os gêneros como unidades da comunicação discursiva que organizam a interação e permitem aos sujeitos de linguagem significar, compreender e atuar em relação ao outro e ao mundo. Os gêneros não são escolhidos de acordo com as supostas intenções dos interlocutores, eles são determinados pelas condições sócio-históricas que regulam a produção discursiva das esferas sociais.

Imersos no fluxo discursivo, os gêneros dialogam com o contexto sócio-histórico mais amplo e a grande temporalidade da cultura e das civilizações, na qual se apreende sua memória e o superdestinatário, assim como manifestam a discursividade do espaço social e do tempo presente a que se vinculam, quer no contexto imediato da situação comunicativa, no qual o grau de proximidade entre os interlocutores importa mais que o lugar social, quer no contexto mediato da esfera discursiva, no qual se leva em conta o estatuto social dos participantes. Em outros termos, o dialogismo está na base da noção de gêneros, como nos lembra Sobral (2009).

Em suma, os gêneros constituem-se como entidades históricas e singulares. São históricos, porque carregam a memória de formas típicas de enunciados antecedentes que nos permite ativá-los conforme as exigências e o contexto de produção e circulação do discurso. São singulares, porque materializam o propósito particular do autor, já refratado pelo propósito do gênero e função da esfera social, numa situação de comunicação discursiva específica. Cada exemplar de gênero, isto é, cada texto ou enunciado que integra o fluxo discursivo carrega sua memória e historicidade, mas é também uma realização particular, única e irrepetível.

## 2. APROPRIAÇÃO DIDÁTICA DA NOÇÃO BAKHTINIANA DE GÊNERO DO DISCURSO PELA OLPEF

Gênero textual. Gênero de texto. Gênero do discurso. Gênero discursivo. Ou, simplesmente, gênero. São múltiplas as formas de nominação usadas pela OLPEF nos materiais de propaganda (filmes publicitários, fôlderes e cartaz), de divulgação científica (artigos e reportagens da seção “Percurso Formativo” do Portal) e de orientação didático-pedagógica (Caderno do Professor “A ocasião faz o escritor”, textos da seção “Especiais por Gênero: Crônica 2016” do Portal), além dos próprios informativos no Portal (regulamento do concurso, notícias e afins).

As diferentes nomações são reflexo da confluência de perspectivas que embasam a OLPEF e das diversas filiações teóricas dos pesquisadores que constituem a rede de ancoragem do Programa, bem como da heterogeneidade do público a que se destina, familiarizado com uma ou várias dessas formas de se nominar os gêneros. Dentre essas perspectivas, destaca-se um dos aportes teóricos do Programa, conforme indicamos na Introdução, a Escola de Genebra, que define gênero como “uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação” (SCHNEUWLY, 2004, p.28).

Vemos claramente nessa concepção a influência das reflexões bakhtinianas sobre os gêneros moldarem o nosso discurso e nos permitirem atuar linguisticamente sem que tenhamos de criá-los a cada situação comunicativa. No entanto, há discordância quanto ao caráter instrumental dos gêneros e à ideia de controle que eles exercem, pois a pretensa eficácia das ações languageiras é atenuada pelo peso do destinatário e do próprio contexto. Na vertente bakhtiniana, o gênero é determinado, no âmbito de uma esfera discursiva, tanto pelo intuito discursivo do sujeito, quanto pela compreensão responsiva do outro, antecipada na tessitura do enunciado. A posição responsiva do destinatário pode coincidir ou não com essa resposta presumida pelo sujeito, flexibilizando a ideia do gênero enquanto “ação eficaz”.

Além disso, o pesquisador genebrino realça a estabilidade dos gêneros, aspecto que, na vertente bakhtiniana, aparece relativizado. Para Bakhtin ([1952-1953] 2016a), o estilo, a construção composicional e o conteúdo temático são reflexos do funcionamento do gênero no fluxo discursivo, sendo determinados pela esfera de atividade à qual ele se integra. Já Schneuwly e Dolz (2004) concentram-se nessas características discursivas,

pois, para eles, são elas que definem a própria natureza dos gêneros.

O pensador russo ([1952-1953] 2016a) aposta na vitalidade do fluxo discursivo e dos gêneros que dele se alimentam, renovando-se, imbricando-se e mesclando-se. Em contraponto, Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam seu aspecto estável e regular, no universo heterogêneo das práticas de linguagem, possivelmente, como forma de torná-los operáveis no ensino, uma vez que, ao saírem das práticas sociais para a escola, eles sofrem um processo de escolarização, e as práticas, por sua vez, são tomadas como um referencial. Toda didatização exige mudanças, ajustes e reformulações na base teórica. É esse processo que observamos na análise de nosso *corpus*.

Os textos publicitários de divulgação da 5ª edição da Olimpíada usam a nomenclatura gênero de texto ou gênero textual, ainda que se possa inferir de seus escritos uma noção preliminar de base discursiva, pois o gênero é mencionado no rol das atividades de leitura e escrita do Programa, ou seja, é situado no âmbito das práticas sociais e em função do propósito de estreitar as relações dos alunos com a comunidade onde vivem e de assumirem um posicionamento sobre o tema proposto, o que contribui para sua formação cidadã.

Dentre eles, o pôster “4 gêneros em cartaz”, que traz orientações didáticas sobre o trabalho com o gênero, privilegia, porém, o plano global do texto, o conteúdo temático e os elementos linguísticos da crônica (figuras, sinais de pontuação, trechos descritivos), aproximando-se mais da perspectiva da Escola de Genebra, que focaliza as características discursivas dos gêneros (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004; DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004). Vale salientar que o teor discursivo não implica necessariamente filiação à perspectiva bakhtiniana, pois, para tal, é preciso entender o gênero no fluxo da comunicação discursiva, em inter-relação com a esfera de atividade, com a situação comunicativa com outros gêneros e outros discursos. ]

Não é essa a noção preliminar apreendida nos materiais publicitários, nem na Apresentação do Caderno do Professor *A ocasião faz o escritor*. As subseções do prefácio do Caderno escrito por Dolz (2016) indiciam a inserção dos gêneros nas práticas sociais de uso da linguagem: “Aprender a ler lendo todos os tipos de texto” e “Aprender a escrever escrevendo”. Discussão já superada no cenário linguístico, a diferença entre tipos e gêneros é desconsiderada por Dolz (2016), que ora utiliza uma, ora outra nomenclatura, optando preferencialmente pelo uso da expressão “gênero textual”. A escolha dessa expressão evidencia a primazia dada à materialidade linguístico-textual e o aporte em teorias do texto, frente à base filosófica da noção de “gêneros do discurso”,

que considera seus aspectos histórico, social, cultural, ideológico e valorativo.

O autor, seguindo os preceitos da Escola de Genebra da qual ele é um dos fundadores, entende que a análise dos gêneros deve apoiar-se na situação de produção e nas marcas linguístico-discursivas para buscar suas regularidades (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004). Salienta o papel da situação de comunicação (papel social do autor e do leitor, esfera de atividade e objetivo do autor do texto em relação ao destinatário) e da seleção das unidades linguísticas (vocabulário, mecanismos de conexão e de coesão, estruturas morfossintáticas da língua) para a construção do texto, porém sempre tendo em vista o estável do gênero frente ao singular do discurso.

O capítulo “Introdução ao gênero” do Caderno do Professor *A ocasião faz o escritor*, por sua vez, embora também use a denominação gênero de texto ou, simplesmente, gênero, tem pontos de contato com a teoria bakhtiniana, evidentes nos títulos das seções sumarizadas abaixo:

- “O que é crônica”, em que define o gênero a partir da crônica metalinguística “Sobre a crônica”, de Ivan Ângelo e acentua a sua capacidade de se mimetizar em outros gêneros de esferas diferentes, sua leveza e o olhar singular sobre episódios recortados do cotidiano:

Crônica é um gênero de texto tão flexível que pode usar a “máscara” de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos. (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016, p.20)

- “História das crônicas”, em que remete à origem do gênero e às mudanças ocorridas na sua trajetória, especialmente, no Brasil com a chegada da imprensa no século XIX, ressaltando sua natureza ambígua: “Nessa época, importantes escritores, como José de Alencar e Machado de Assis, começam a usar as crônicas para registrar de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os fatos corriqueiros de seu tempo.” (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016, p.20).
- “Um olhar atento sobre o cotidiano”, em que se indica o conteúdo temático e o propósito discursivo da crônica, bem como seu lugar na esfera de atividade a que pertence:

A crônica é um gênero que ocupa o espaço do entretenimento, da reflexão mais leve. É colocada como uma pausa para o leitor fatigado de textos mais densos. Nas revistas, por exemplo, em geral é estampada na última página.

Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos. (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016, p.20)

- “Os muitos tons da crônica no Brasil”, em que se destaca a diversidade de estilos do gênero e dos cronistas e se explica seu caráter cultural, dadas as diferenças entre as crônicas brasileiras e as “que circulam em jornais de outros países”, tidas como “comentários sobre pequenos acontecimentos”, que “não costumam expressar sentimentos pessoais do autor” (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016, p.21). O distanciamento das autoras do Caderno em relação às “crônicas” estrangeiras lhes permite observá-las, dialogar com elas em busca das respostas às suas questões, compará-las às crônicas brasileiras e compreender ambas em sua unidade e integridade. Como defende Bakhtin ([1970] 2017), uma cultura só se revela aos olhos de outra. Nessa linha, o Caderno enumera alguns perfis da crônica nacional, cruzando o estilo do gênero com o estilo individual:

No Brasil, há vários modos de escrevê-las. Usa-se o tom da poesia, o autor produz uma prosa poética, como algumas crônicas escritas por Paulo Mendes Campos. Mas elas podem ser escritas de uma forma mais próxima ao ensaio, como as de Lima Barreto; ou ser narrativas, como as de Fernando Sabino. As crônicas podem ser engraçadas, puxando a reflexão do leitor pelo jeito humorístico, como as de Moacyr Scliar, ou ter um tom sério. Outras podem ser próximas de comentários, como as crônicas esportivas ou políticas. (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016, p.21)

- “De gênero jornalístico a gênero literário”, em que se expõem as especificidades da crônica literária, destacando-se os temas e o contexto de produção e circulação, se bem que não se mencionem os papéis dos editores e dos críticos nessas atividades. O Caderno reconhece que as crônicas literárias não se vinculam apenas ao tempo presente. De acordo com Bakhtin ([1970] 2017, p.14), as obras que permanecem atuais acumulam a cosmovisão de outras épocas, preservam sua memória histórica, “dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*”. Assim, a crônica literária mantém seus laços com o passado, ancora-se no presente e encontra-se aberta aos sentidos

futuros, ganhando ares de atemporalidade:

A produção de crônicas literárias é muitas vezes tarefa ‘encomendada’ a escritores já reconhecidos pela publicação de outras obras, como contos e romances. São esses autores que, usando recursos literários e estilo pessoal, fazem seus textos perdurarem e serem apreciados apesar da passagem do tempo. Para conseguir esse efeito, os escritores não destacam os fatos em si, mas a interpretação que fazem deles, dando-lhes características de retrato de situações humanas atemporais. Os temas geralmente são ligados a questões éticas, de relacionamento humano, de relações entre grupos econômicos, sociais e políticos. (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016, p.22)

Há uma preocupação em se frisar a plasticidade do gênero, que pode assumir diferentes facetas e tons, se mimetizar e se transmutar em outras formas genéricas. Outro aspecto que aponta para uma noção discursiva do gênero é a sua contextualização. Embora o capítulo inicie remetendo a uma prática de letramento arcaica para o jovem contemporâneo – a leitura de crônicas no jornal de domingo –, a exposição parte de um exemplar do gênero, “Sobre a crônica”, de Ivan Ângelo.

Trata-se de uma metacrônica, isto é, de uma crônica que tenta definir o próprio gênero, acentuando o estilo de diversos cronistas, contando um pouco de sua história, citando críticos literários e, por fim, um cronista. De certa forma, ela sintetiza os aspectos históricos, culturais, estilísticos e literários que são explorados nas demais seções do capítulo, corroborando com a visão discursiva bakhtiniana de gênero<sup>5</sup>.

Dos textos disponibilizados na seção “Especiais por Gênero” do Portal (PORTAL, 2018), dois vídeos apresentam orientações dirigidas ao professor no trabalho com a crônica e nos fornecem dados para compreender a noção de gênero adotada pela OLPEF: o bate-papo virtual “Quatro Gêneros em Pauta: memórias literárias e crônica” e a videoaula “Crônicas da Imaculada”. Em ambos, verificamos a dominância da perspectiva genebrina do gênero, por realçarem as características do gênero (tema, estilo e estrutura composicional) e a situação de comunicação (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004; DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004).

No primeiro vídeo, o representante do Cenpec, Esdras Soares, adota a estratégia de partir da leitura de um exemplar de crônica para depois abordar o gênero, ou seja, parte

---

<sup>5</sup> Nas referências do Caderno, encontramos teóricos da literatura brasileira – David Arrigucci Jr., Antônio Cândido, Jorge de Sá – que comungam do princípio bakhtiniano (BAKHTIN, [1970] 2017) de que o estudo da literatura deve se pautar na sua formação (relação com gêneros, movimentos, línguas, estilos e obras do passado) e no sistema cultural a que ela está atrelada (diálogo com outras obras contemporâneas e com outras artes).



do singular para o genérico. Em sua fala, respondendo às perguntas dos professores e da mediadora, define a crônica como um texto leve, informal, que ganhou terreno no Brasil dada a cultura de nosso povo e que provoca reflexão ligeira, exigindo do escritor uma pausa para captar algo no seu entorno.

Um aspecto ressaltado por ele é o estilo singular do cronista que permite ao leitor já maduro reconhecer escritor ao iniciar a leitura. Os comentários do autor, porém, se distanciam da perspectiva bakhtiniana, na medida em que ele busca estabelecer a identidade da crônica em oposição a outros gêneros (caso das memórias, do relato e do conto) a partir da materialidade textual (foco narrativo, tipo de desfecho, elementos estilísticos). Ao longo da exposição, destaca mais as características linguístico-discursivas que o funcionamento discursivo da crônica, como podemos ver a seguir:

- Situacional: vincula-se a duas esferas, sendo produzida no âmbito literário e circulando no espaço jornalístico.
- Temática: possui uma conexão natural com o tema proposto pela Olimpíada, já que o cotidiano é a matéria-prima da crônica.
- Estilística: mobiliza figuras de linguagem e recursos literários para transformar o relato do cotidiano em ficção e imprimir um tom de acordo com as intenções que se quer provocar no leitor.
- Composicional: organiza-se predominantemente em sequências narrativas, pode ser escrita em 1ª ou 3ª pessoa e possui desfecho aberto.

A videoaula “Crônicas da Imaculada” segue uma linha similar, ao definir a crônica a partir de sua dimensão temática como um gênero que tem um olhar focado para alguma cena ou episódio do cotidiano. A professora centra sua fala nas dificuldades observadas nos textos dos alunos, dentre elas, a de selecionar um aspecto sobre o qual escrever, pois muitos descrevem minúcias de locais turísticos ou problemas da cidade sem flagrar um fato que mereça ser “iluminado”.

Ainda que o professor seja visto como interlocutor dos textos dos alunos e se aponte o diálogo com outros textos, a perspectiva dominante de tratamento do gênero é a textual. As principais recomendações e exemplos consistem nos aspectos linguísticos e textuais a serem trabalhados nas atividades de reescrita individual e coletiva dos textos, tais quais o tamanho das frases, os tipos de discurso, os sinais de pontuação, a seleção do vocabulário, das figuras de linguagem – tópicos explorados no Caderno (LAGINESTRA e PEREIRA, 2016) – e de um modo de dizer que reconstrua o cotidiano literariamente e confira à crônica o tom pretendido pelo autor.

Nenhum dos vídeos reconhece que um dos principais problemas dos alunos na produção escrita é justamente a falta de um projeto discursivo, de ter o que dizer e para quem dizer (GERALDI, 1997). Enquanto os autores se ocupam do “como” dizer, esquecem que, primeiramente, falta a discussão sobre a temática proposta pela OLPEF, sobre o propósito discursivo da crônica e sobre os distintos públicos a que ela se dirige.

Embora se ocupem do projeto de comunicação, não debatem a dificuldade de se definir o leitor real dos textos: O professor como primeiro interlocutor? Os colegas de classe em atividades de socialização das produções ou de avaliação entre pares? Os avaliadores das comissões julgadores (no caso de o texto ser classificado)? A comunidade (extra)escolar a partir de uma possível publicação das produções?

Derivam-se disso outros problemas: Qual o objetivo da crônica? Ganhar o concurso? Ser bem avaliado pelo professor? Ter um texto lido pelos colegas e pela comunidade escolar? Um dos elementos que determina o acabamento do enunciado é o intuito discursivo, e uma de suas principais características é a de se voltar para o destinatário (BAKHTIN, [1952-1953] 2016a). Sem a clareza quanto a esses elementos e ao próprio tema em pauta, dificilmente os alunos produzirão crônicas efetivamente.

Os textos de orientação didático-pedagógica do Programa, em geral, evidenciam a filiação da OLPEF à noção de gênero genebrina, tomando-o como uma ferramenta de comunicação disponível para usuários e passível de ser operacionalizado como objeto de ensino-aprendizagem (SCHNEUWLY, 2004; DOLZ e SCHNEUWLY, 2004). Os gêneros são vistos como “instrumentos”, como formas de linguagem, como entes, o que revela uma visão de língua enquanto código, estoque de elementos e recursos disponíveis para uso de seus falantes (SCHNEUWLY, 2004, p.23).

Ora isso se dá de modo mais explícito: “Os gêneros, portanto, como são língua em uso, são língua viva, são instrumentos de comunicação. Como são instrumentos de comunicação indispensáveis, todas as pessoas usam gêneros para se comunicar.” (AMARAL, 2008); “Podemos dizer que são gêneros textuais todas as **formas de linguagem** produzidas em toda e qualquer situação de comunicação, que podem ser reconhecidas e utilizadas pelas pessoas que estão se comunicando por terem formas conhecidas.” (AMARAL, s/d, grifos da autora)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Apesar do debate sobre a diferença entre as nomenclaturas “gêneros textuais” e “gêneros discursivos”, a OLPEF omite seu posicionamento, conduzindo-nos à leitura de que ela as entende como sinônimas e de que desconsidera o caráter axiológico desta nomenclatura, bem como a ideologia constitutiva da noção de gêneros discursivos, marcados pelo caráter social, pelos conflitos e contradições.

Ora de modo mais implícito: “avaliar (...) se as características do gênero foram respeitadas etc.” (ZELMANOVITS, 2010, p.9); “avaliar a adequação do texto ao gênero”; “o professor pode fazer um raio X do texto porque já sabe apontar (...) níveis de proximidade e distância com relação ao gênero e incorreções” (ZELMANOVITS, 2010, p.10); “Assim, em cada gênero os jovens escritores terão à sua disposição um modo de dizer particular, como também um conjunto próprio de recursos e procedimentos para acolher a voz alheia” (RANGEL, 2011, p.67).

No entanto, a linguagem não é um produto pronto, acabado, à disposição para uso, mas uma atividade que se constrói e reconstrói na interação social. Nessa mesma linha, os gêneros não são formas fixas, pré-determinadas, com características estanques que os alunos devem seguir ou a que devem se adaptar para produzirem seus textos. Bakhtin ([1952-1953] 2016a) entende a linguagem e os gêneros em uma perspectiva histórica, que considera a relação constante dos discursos com a memória de seu passado e o futuro a que se dirigem, portanto, estão em contínuo movimento.

Em alguns textos, encontramos alusões às formulações bakhtinianas, enunciadas de modo quase parafrástico: “É esse modo de dizer, próprio de cada ambiente e dos papéis sociais desempenhados pelos participantes, que chamamos de gêneros discursivos – tipos relativamente estáveis de discurso, que foram se cristalizando ao longo do tempo para pessoas” (MADI, 2013, p.16); “Os gêneros da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro se incluem na segunda dimensão: nós os lemos para conhecer e viver, para realizar ações intelectuais, para compreender as coisas do mundo, para agir sobre ele e sobre nós mesmos” (BRITTO, 2012, p.37).

Esses trechos ressaltam o vínculo com as esferas de atividade, o intuito discursivo e o papel dos sujeitos autor e destinatário, isto é, da situação de produção e circulação na constituição do gênero. A operacionalização indicada, contudo, quase sempre realça mais as dimensões estáveis e prototípicas que possibilitam o reconhecimento do gênero. Isso decorre das próprias características da OLPEF, um concurso nacional de textos, que precisa regular, de certo modo, a prática docente por meio dos materiais didáticos, especialmente do Caderno do Professor, a fim de evitar as disparidades teórico-metodológicas e, supostamente, garantir a todos os alunos as condições necessárias para uma participação efetiva:

(...) a fase de contextualização do objeto de conhecimento (...).  
Está presente ao longo de todo o percurso de ensino, embora

geralmente ocorra no início das sequências didáticas ou oficinas, por meio, por exemplo, da leitura de textos ou da exibição de vídeos como instrumentos de sensibilização do aluno para determinados aspectos do gênero textual considerado: seu tema, a forma como se organiza ou os recursos usados em sua produção. (GOMES-SANTOS, 2016, p.13)

Nessa oscilação entre gênero textual e gênero discursivo, o Regulamento produz um efeito de neutralização das diferentes tendências de abordagem dessa categoria da linguagem, ao se referir às categorias olímpicas apenas como “gênero” (OLIMPÍADA, 2016, p.5, p.9) e ao informar que a OLPEF disponibiliza um material didático que ensina produção textual na “perspectiva de gênero.” (OLIMPÍADA, 2016, p.4). O ocultamento desse embate ideológico também pode promover junto ao leitor, o professor de Língua Portuguesa, o efeito de que a perspectiva adotada pela OLPEF é a única vigente nos estudos linguísticos atuais e a que deve ser por ele também adotada em sala de aula.

Lendo os materiais da OLPEF chegamos a conclusões similares a de Campos (2016, p.128) em análise de documentos curriculares: “As fontes do conceito de gêneros, presente nas orientações governamentais, estão relacionadas à abordagem didática dos pesquisadores da Universidade de Genebra”. A noção adotada pela OLPEF está mais próxima dessa perspectiva que dos fundamentos bakhtinianos.

E, entre eles, há salutares diferenças, conforme apontamos, afinal aquela Escola não toma o dialogismo como princípio basilar para definir o gênero. Campos (2016) acrescenta que a

teoria dos gêneros do discurso centra-se em aspectos sócio-históricos e a teoria dos gêneros textuais foca a composição da materialidade linguística do texto, filiada ao interacionismo sociodiscursivo (...) estabelece o conceito de gêneros fora das condições sócio-históricas dos textos e das esferas de circulação e de recepção, reduzindo as formas composicionais, tema e estilo a aspectos exclusivamente linguísticos” (CAMPOS, 2016, p.128-130).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de gênero que perpassa os diversos documentos da OLPEF se ancora em sua dimensão estável, consoante a perspectiva genebrina, pois centra-se nas características discursivas da crônica com enfoque em sua organização composicional-estilística. Há alguns pontos de contato com a vertente bakhtiniana, ao indicar elementos de seu contexto de produção e circulação, mas a abordagem desses elementos, da temática proposta e das vozes e seus efeitos de sentido é precária.

Em relação à crônica, tais documentos a concebem como um gênero narrativo que se propõe a fazer uma reflexão sobre acontecimentos atuais, em linguagem simples, travando um diálogo com o leitor. Apontam ainda que a crônica possui estilo flexível, caracterizando-se por um determinado tom, mas não levam em conta a miscelânea ou mistura desses tons. Enfatizamos ainda as limitações dessa noção de crônica do Programa no que diz respeito à composição narrativa, ao registro de linguagem coloquial e à interlocução direta com o leitor, dado o gênero ser variável quanto a esses aspectos.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Helena. *Como e por que trabalhar com gêneros textuais na Olimpíada*. 2008. Disponível em: < <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1357/como-e-por-que-trabalhar-com-generos-textuais-na-olimpiada>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Oficina sobre sequência didática*. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/na-pratica/pautas-de-formacao/artigo/1364/oficina-sobre-sequencia-didatica>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.95-114.
- BAKHTIN, Mikhail. [1952-1953] Os gêneros do discurso. In:\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2016a. p.11-69.
- \_\_\_\_\_. [1959-1961] O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In:\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2016b. p.71-107.
- \_\_\_\_\_. [1970] A ciência da literatura hoje. In:\_\_\_\_\_. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. p.9-19.
- BEZERRA, Benedito Gomes. A propósito da “síntese brasileira” nos estudos de gêneros. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 24, n.2, p.465-491, 2016.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Lendo (n) o mundo dos textos: formas de ler e fazer os textos da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. *Na Ponta do Lápis*, ano VIII, n.20, p.36-43, jul. 2012.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. Bakhtin e o ensino de língua materna no Brasil: algumas perspectivas. *Conexão Letras*, v. 11, p. 123-137, 2016.
- DOLZ, Joaquim. A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita. In: LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. *A ocasião faz o escritor: caderno do professor*. São Paulo: Cenpec, 2016, p.9-15.
- \_\_\_\_\_; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: \_\_\_\_\_. *et al. Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p.41-70.
- \_\_\_\_\_; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard *et al. Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p.95 -128.

- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4 ed. SP: Martins Fontes, 1997.
- GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. O trabalho do professor e seus gestos didáticos. *Na Ponta do Lápis*, ano XII, n. 27, p.12-17, ago. 2016.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.133-160.
- \_\_\_\_\_. Épistémologie et genres du discours dans le cercle de Bakhtine. *Linx [En ligne]*, Nanterre, n. 56, p.19-36, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/linx.355>>. Acesso em: 24 fev. 2007.
- LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. *A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos*. 5. ed. SP: CENPEC, 2016.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In.: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2005. p.151-166.
- MADI, Sonia. Sequência didática: por que trilhar o caminho proposto. *Na Ponta do Lápis*, ano IX, n. 23, p.16-21, dez.2013.
- OLIMPÍADA de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. *Regulamento*. SP: Cenpec, 2016.
- PORTAL da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. 2018. Disponível em: <[www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br)>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- RANGEL, Egon. GARCIA, Ana Luiza Marcondes. A Olimpíada de Língua Portuguesa e os caminhos da escrita na escola pública: uma introdução. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v.2, n.1, p.11-22, jul. 2012.
- \_\_\_\_\_. O que precisariam dizer os textos dos alunos? Caminhos da escrita. In:\_. (org.) *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: O que nos dizem os textos dos alunos?* São Paulo: Cenpec, Fundação Itaú Social, 2011, p.60-71.
- ROJO, Roxane. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, Inês. *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, p.73-106.
- SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: \_\_\_\_\_.; DOLZ, Joaquim *et al.* *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004 p.21-39.
- SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- VIANNA, Rodolfo. O gênero jornalístico informativo pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. (org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014. p.54-74.
- ZELMANOVITS, Cris. O que está em jogo quando avaliamos os textos dos alunos. *Na Ponta do Lápis*, ano VI, n. 14, p.8-11, jul. 2010.

Data de recebimento: 26/03/2020  
 Data de aprovação: 04/06/2020